

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

O DIÁLOGO, AS DIFICULDADES E AS POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO NO CÁRCERE.

ELIZABETH BRUNKEN¹
NEUCI SCHOTTEN²

RESUMO

O presente artigo que tem como tema a educação da Educação de Jovens e Adultos-EJA, no sistema prisional foi desenvolvido como requisito para o Programa de Desenvolvimento Educacional –PDE/ SEED/ PR, apresenta discussão sobre o efeito do fenômeno da prisonização nas práticas pedagógicas, refletindo sobre as concepções de educação e sua contribuição no processo de ressocialização do aluno preso. Apoiado em autores como Freire (2001), Maeyer (2006), Julião (2001), Onofre (2007), Mizukame (1986) e tendo como metodologia a pesquisação, a qual possibilita ao pesquisador compreender o objeto de estudo no contexto que ocorre permitindo reformulação no decorrer do processo de pesquisa, foram realizadas ações que levassem os professores, que atuam na fase II do CEEBJA Dr. Mario Faraco em Piraquara, a discutir e refletir sobre sua prática pedagógica, identificando dificuldades e possibilidades em virtude do encarceramento, sobre o perfil do aluno preso, sobre as concepções de educação que norteiam a sua prática, bem como fornecer elementos que auxiliassem na reflexão do docente que atua neste contexto. A implementação promoveu além da reflexão sobre a prática no cárcere, a necessidade da continuidade de mais estudos que contribuam para que a escola cumpra com seu papel no processo de ressocialização dos indivíduos encarcerados.

Palavras chaves : educação, prisonização, práticas pedagógicas

¹ **Elizabeth Brunken:** Graduada em Pedagogia, pós graduada em Psicopedagogia e Educação de Jovens e Adultos. Aluna PDE 2014/2015 E-mail: bethertel08@gmail.com

² **Neuci Schotten:** Orientadora PDE. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora-Pedagoga da Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR/Campus Curitiba. E-mail: neuci@utfpr.edu.br

INTRODUÇÃO

Este artigo que foi elaborado como conclusão para o Programa de Desenvolvimento Educacional–PDE, ofertado pela SEED/PR e tem como objetivo promover a reflexão acerca da educação no sistema prisional.

A experiência como pedagoga neste contexto e a participação como aluna PDE possibilitou reflexões acerca da educação no sistema prisional, dos desafios, contradições, limitações e principalmente da importância que a educação representa na vida dos indivíduos que se encontram privado de sua liberdade.

O trabalho de pesquisa foi elaborado tendo como objetivo, refletir junto aos professores da EJA, que atuam na fase II, do CEEBA Dr. Mario Faraco- em Piraquara, como se dá o processo de ensino, considerando as especificidades e dificuldades da educação no sistema prisional em cumprir seu papel, sua função diante do caráter controlador e disciplinador da prisão frente ao fenômeno da prisionização.

Desde o momento da sua chegada ao cárcere lhe é retirado seus pertences, sua identidade, passa a ser reconhecido por um número, perde o que ainda o ligava ao mundo criado por ele. Para conviver no cárcere precisa adaptar-se a nova estrutura, se apropriando de códigos próprios da cultura prisional, pela própria necessidade de sobrevivência. Podemos entender este período como o despir-se de todos seus conceitos, pela necessidade de construir novos conceitos, como afirma Goffman (2010) “a segregação do indivíduo da sociedade para uma instituição total, como a prisão, provoca transformação na estrutura psíquica do encarcerado denominado de “mortificação do eu “.

Neste sentido vislumbram-se questões fundamentais que remetem ao problema a que esta pesquisa se propõe: discutir a prática pedagógica, novas formas de atendimento frente ao fenômeno da prisionização e refletir sobre as influências do encarceramento nesse contexto.

Com vistas a este cenário, sabemos que diariamente nos deparamos com situações adversas no cotidiano do encarcerado, onde de um lado estão as intenções de vigiar, de oprimir, de impor regras, em nome de uma segurança e do outro lado a intenção de socializar, de reconstruir, de

resignificar, de oportunizar em nome de um ato educativo, fato este que tem interferido nas práticas educativas.

Diante dessa dicotomia, está o principal sujeito da ação: o indivíduo privado de liberdade, remanescente de uma história de conflitos, alvo do processo de prisonização que necessita resignificar sua vida, construindo novos conceitos, novos valores.

Estas foram questões levantadas no decorrer da pesquisa e na intervenção realizada no CEEBJA Dr. Mario Faraco- Piraquara, com os professores da Educação de Jovens e Adultos EJA – Fase II, visando momentos de reflexão acerca da sua prática e na importância que representa para (re) construção da identidade do jovem ou adulto privado de liberdade.

Portanto, para tal a pesquisa aprofundou-se nas contribuições de THOMPSON (1980) sobre a relevância da cultura vivenciada em virtude do encarceramento, clareando a utilização do termo prisonização, GOFFMAN (2010) que discorre sobre a mortificação do sujeito quando aprisionado à regras de uma instituição total, FREIRE (1997,2001) que reconhece o indivíduo como ser histórico e que se encontra numa relação permanente com o outro transformando o mundo e a si mesmo, LIBÂNEO (2004) e MISUKAMI (1986) ambos abordando as concepções de educação e as relações que se estabelece entre professor, aluno e sociedade, MARC DE MAEYER E ELENICE ONOFRE Os autores discorrem sobre o efeito da prisonização, do encarceramento na vida do indivíduo encarcerado e na importância das práticas pedagógicas executadas na escola da prisão como espaço de construção da identidade, Elionaldo Julião, grande pesquisador de educação na área de privados de liberdade.

Diante da complexidade e abrangência do tema, foi escolhida a abordagem qualitativa, aliada com a pesquisa-ação como a mais adequada estratégia de ação, oportunizando a reflexão não só da prática mas a análise das interferências do processo.

Tendo em vista o entendimento de que pesquisa e ação devem caminhar juntas para atingir o objetivo da reflexão e transformação da prática, através da formação de professores, as intervenções realizadas com os professores aconteceram de forma coletiva durante hora atividade concentrada, promovendo por meio do estudo: investigação de novas

possibilidades de ações pedagógicas; a análise da sua prática pedagógica, bem como a interferência do fenômeno da prisonização no processo ensino aprendizagem.

Neste sentido Freire (1981) contempla a escolha da metodologia quando argumenta: "Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca na vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício transformador da realidade condicionante".

Durante a elaboração do projeto de intervenção houve necessidade de alterar os objetivos específicos para atender as ações que foram planejadas.

Percebeu-se então, que era necessário levantar o perfil dos alunos, suas expectativas e o que a escola representava no seu processo de ressocialização; verificar junto aos professores se o encarceramento interfere no processo de ensino aprendizagem; oportunizar formação dos professores por meio de estudo e da reflexão da sua prática pedagógica e a interferência da prisonização; refletir as concepções de educação e sua contribuição no processo de ressocialização do aluno preso.

A TRAJETÓRIA, OS DESAFIOS E AS DESCOBERTAS.

Com objetivo de suscitar a reflexão na implementação do projeto foi realizado: levantamento do perfil dos alunos matriculados no CEEBJA Dr. Mario Faraco– Piraquara, através de questionário e pesquisa com os professores que atuam na EJA fase II .

Verificou-se a necessidade de conhecer a realidade, ouvir os participantes da pesquisa, envolvendo-os na produção do conhecimento, pois como diz Onofre:

A escola, visto ser apontada como local de comunicação, de interações pessoais, onde o aprisionado pode se mostrar sem máscaras, afigura-se, portanto, como oportunidade de socialização, na medida em que oferece ao aluno outras possibilidades referenciais de construção de sua identidade e de resgate da cidadania perdida.(ONOFRE 2002,p.147)

A análise dos dados do questionário aplicado aos alunos, conforme contemplado no Plano Político Pedagógico do CEEBJA, mostrou que predomina a faixa etária entre 24 a 32 anos, que a grande maioria declara ter parado de estudar nas séries correspondentes a Fase II do Ensino Fundamental, oriundos de Escolas Públicas. Um número considerável de alunos nunca havia frequentado a escola, vindo a conhecê-la dentro do Sistema Prisional. Constatou-se que um dos motivos mais relatados sobre o que o levou a abandonar a escola foi para ingressar no mundo de trabalho com o objetivo de ajudar no sustento da família, sendo que parte também relatou a indisciplina e falta de interesse como um dos motivos.

As profissões relatadas foram muito diversas impossibilitando a tabulação de dados. Observou-se porém que a quase totalidade das atividades relatadas são pertencentes ao mercado informal, aprendidas na vida, destacando-se falta de qualificação e formação profissional uma vez que 47,29 % dos entrevistados informaram renda de 1 salário mínimo. Foram realizadas também perguntas quanto a dependência química, delito para completar o levantamento do perfil dos alunos.

A análise do perfil dos alunos nos leva a refletir sobre a cultura na qual estão inseridos bem como no paradoxo dos objetivos da prisão, a qual Thompson (1998) se reporta a Donald Clemmer caracterizando a cultura da prisão e a própria prisão como, [...] *o mundo prisional é um mundo atomizado. Seus membros são como átomos a agir reciprocamente em confusão... Não há definidos objetivos comunais. Não há um consenso comum para um fim comum. O conflito dos internos com a administração e a oposição à sociedade livre estão em degrau apenas ligeiramente superior ao conflito e oposição entre eles mesmos... É um mundo de 'Eu', 'mim', e 'meu' antes que de 'nosso', 'seus', 'seu' (Thompson, 1998, p. 52).*

Na pesquisa com os professores que atuam na fase II do CEEBJA Dr. Mario Faraco constatamos que a maioria dos entrevistados já possuía mais de cinco anos de experiência na educação de jovens e adultos - EJA, antes de trabalhar esta modalidade com alunos privados de liberdade, dados estes também informados no tempo de experiência com privados de liberdade.

Quando questionados sobre o que difere o trabalho pedagógico dentro e fora do sistema prisional, pudemos perceber que a maioria coloca que a diferença está nas limitações em desenvolver algumas ações pedagógicas em virtude do encarceramento, colocando também como diferença a necessidade de atividades mais motivadoras e incentivadoras em virtude do aluno encarcerado estar excluído de atividades sociais. É notório nesta questão, quando questionados sobre as práticas pedagógicas que precisam ser realizadas no contexto do encarceramento, posicionamento dos entrevistados quanto a necessidade de trabalhar valores e conteúdos sociais relevantes na vida do aluno encarcerado, considerando os saberes trazidos por eles, bem como a necessidade de atividades que fortaleçam a autoestima.

A despeito das dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das atividades dentro do cárcere os entrevistados deveriam ainda escolher alternativas relacionadas à metodologia, concepção de educação, abordagens de conteúdos, material didático.

Podemos dizer que a maioria dos entrevistados tendo optado como maior dificuldade, o material utilizado, não nos causou surpresa, pois reflete a especificidade do encarceramento, sua rotina e a condição de segurança aplicada em virtude do contexto, condição esta muito presente no cotidiano das atividades escolares e nas práticas pedagógicas que utilizam muitas vezes apenas o recurso do quadro negro, do caderno, do lápis e da caneta. As opções: metodologia, concepção de educação e abordagem de conteúdos, mesmo que as três evidenciem o entendimento que temos de concepção de educação, foram intencionalmente separadas para servirem como sinalizadoras da compreensão que o professor tem sobre concepção de educação. Em virtude dessa limitação muitos entrevistados optaram por mais de uma opção, pois relacionam o material utilizado como fator que interfere na metodologia e na concepção de educação, deixando evidente a necessidade de abordar com os professores a concepção de educação que temos em virtude da nossa prática e da sua intencionalidade.

Para clarear esta interpretação utilizamos a justificativa de um entrevistado que optou como dificuldade a utilização de material e metodologia: *“Utilizar uma metodologia que tenha como princípio uma educação “não bancária”, não infantilizada, problematizando a realidade a partir de fenômenos*

sociais concretos e “próximos” ao aluno, que façam sentido, que tenham uma materialidade e uma historicidade, tem sido o maior desafio” (Entrevistado 3).

Na questão de como o professor realiza a abordagem inicial do conteúdo, considerando os diferentes níveis de escolarização da Fase II, quatro (4) entrevistados se posicionaram diferente da maioria que relata iniciar a abordagem através de uma avaliação diagnóstica verificando o conhecimento que o aluno já traz, bem como suas dificuldades e expectativas. Na interpretação dos dados foram separadas: avaliação diagnóstica e revisão de conteúdos, pois uma tem a conotação de avaliar, de levantar possibilidades e a outra de revisar pré requisitos básicos da disciplina independente do nível do aluno. Nenhum dos entrevistados deu exemplo prático como sugeria a questão.

A opinião dos entrevistados sobre a real função da educação formal para alunos privados de liberdade foram as mais variadas, desde espaço de oportunidades, de socialização, de humanização, como necessária para sua inserção no mercado de trabalho, o que dificultou um pouco a análise dos dados, mas que deixou muito claro a importância da educação e do seu papel no processo de ressocialização, de reinserção do cidadão encarcerado.

Para ilustrar esta questão ressaltamos duas respostas dadas pelos entrevistados: *” A mesma função que é para todos os alunos, desenvolvimento pessoal, acesso aos conhecimentos produzidos historicamente, preparação para o mundo e o trabalho, com a especificidade de ser EJA, portanto, reparadora, equalizadora, etc.” (Entrevistado 5).” Reeducar, inserir, socializar, humanizar e transformar.” (Entrevistado 1).*

Esta trajetória nos indicou a necessidade de realizar, no primeiro encontro, uma atividade motivadora onde os professores puderam refletir, emitir opiniões de uma forma dinâmica sobre a educação no sistema prisional, sua importância, seu real significado para o aluno, interagindo e sinalizando caminhos que poderiam ser utilizados durante implementação, conforme proposta metodológica. Neste momento foi apresentado aos professores o projeto de intervenção e os objetivos que se pretendiam alcançar.

O segundo encontro iniciou-se com a retomada das questões levantadas no encontro anterior e sua pertinência em relação aos dados levantados com a pesquisa realizada para o projeto de intervenção. Foram mostrados os gráficos, onde os professores que não contribuíram com o

questionário puderam se manifestar emitindo sua opinião sobre o assunto levantado. Este momento foi interessante, houve divergências por parte dos professores na interpretação sobre a real função da escola para o aluno privado de liberdade. A maioria dos que responderam colocaram a importância da preparação para o mercado de trabalho. Isto foi questionado por alguns que justificaram e ressaltaram a questão da preparação para o mundo do trabalho como uma forma mais ampla, abrangente, como uma preparação para o seu retorno à uma sociedade competitiva e excludente em relação a sua condição de reinserção.

Para atender ao objetivo de formação dos professores foi apresentado, no terceiro encontro, um vídeo elaborado no Encontro Latino Americano de Educação para Jovens e Adultos em Situação de Restrição e Privação de Liberdade em novembro de 2014, realizado pela Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro. Neste vídeo entrevistamos Elionaldo Julião, Dr. em Ciências Sociais pela UERJ e grande pesquisador de educação para privados de liberdade. Elenice Onofre, graduada em Pedagogia e História, coordena o EduCárceres/ UFSCAR, Núcleo de Investigação em Educação nos espaços de restrição e privação de liberdade da Universidade Federal de São Carlos. Outro trecho do vídeo é o depoimento de um ex detento que estudou no sistema prisional e cursou a faculdade de Filosofia, hoje ele é escritor e funcionário público. Foram elaboradas questões a respeito das entrevistas e realizou-se discussão sobre os temas mais relevantes. Os temas mais discutidos foram se realmente deve haver uma educação diferenciada para privados de liberdade ou não; se a metodologia que vem sendo utilizada está atingindo nossos alunos no sentido de a escola representar um espaço de mudança. Debateu-se sobre a contribuição dos conteúdos trabalhados para o desenvolvimento da autonomia de nossos alunos. Foi um momento bastante rico onde percebeu-se que os professores estão sempre em busca destas respostas a fim de melhorar a qualidade da educação dentro do sistema prisional.

Professor 3: É justamente neste espaço que a escola se configura como espaço de liberdade, transformando não somente presos em alunos, mas, alunos encarcerados em cidadãos mais conscientes, mais participativos.É

neste instante que enquanto educadores, podemos motivá-los para o estudo e mudar a relação de poder.

As reflexões, neste momento vem ao encontro das contribuições de Freire “... O grande problema do educador não é discutir se a educação pode ou não pode, mas é discutir onde pode, como pode, com quem pode, quando pode; é reconhecer os limites que sua prática impõe. É perceber que o seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática social de que ele faz parte. É reconhecer que a educação, não sendo a chave, a alavanca da transformação social, como tanto se vem afirmando, é, porém, indispensável à transformação social. (FREIRE, 2001, p. 98)

Para complementar a proposta de formação e oportunizar mais instrumentos de estudos foi elaborado, para o quarto encontro, um quadro texto de 10 páginas com ideias importante de autores como. Augusto Thompson: A Questão Penitenciária; Marc de Maeyer: A Educação na Prisão não é mera Atividade, Erving Goffman: Manicômios, Prisões e Conventos; Elenice Onofre: Escola da Prisão: espaço de construção da identidade do homem. Na perspectiva que a educação tem a função de humanizar, de reconstruir a identidade do indivíduo encarcerado, de que as práticas pedagógicas devem seguir caminhos, assumir intenções foi elaborado, para o quinto encontro um quadro síntese explicativo sobre as concepções de educação elaborados com base nos autores Libaneo (2004) e Mizukami (1986), Gasparin (apud Ramos, 2012), Paulo Freire (2003), onde os professores puderam discutir sobre a sua prática, sua metodologia frente ao encarceramento e a função da educação dentro da concepção histórico crítica social.

Professor 2 : O trabalho de um educador crítico, comprometido com o processo enquanto mudança, não é imediato. É um trabalho de formação

Nas palavras de Mizukame isto é reforçado:

O homem não participará ativamente da história da sociedade da transformação da realidade, se não tiver condições de tomar consciência da realidade e, mais ainda, de sua própria capacidade de transformá-la. É preciso que se faça, pois desta tomada de consciência o objetivo primeiro de toda a educação, provocar e criar condições que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação. (MIZUKAMI, 1986).

Na discussão sobre sua prática, sua metodologia frente ao encarceramento, ao fenômeno da prisonização e a função da educação dentro da concepção histórico crítica social, foi percebido que embora esta concepção norteie a proposta curricular adotada pelo estado do Paraná, as vezes as ações desenvolvidas são mais tradicionais, conservadoras e pouco transformadoras, em virtude da própria especificidade do local, mas que é preciso romper essa concepção tradicionalista de aprendizagem para que o aluno se torne mais participativo do processo, contribuindo para sua autonomia.

Professor 1: A busca por metodologias, procedimentos, técnicas é uma constante para todo professor. No sistema penitenciário ainda mais, pois é um ambiente muito mais rígido, onde muitas atividades não são possíveis. Acredito muito que é nesta busca, nas tentativas (positivas e negativas) que cada professor encontra seu caminho. Ao meu ver o principal é a busca pela atualização teórica acompanhada com a prática diária e imperceptível ao próprio aluno é a forma mais eficaz de atingir a mudança no comportamento, nas atitudes e nos valores de cada um. Os presos que iniciam suas atividades na escola se transformam e no decorrer do processo passam a ser alunos. Eles próprios não percebem essa evolução, mas nós que os acompanhamos, conseguimos notar as mudanças nas atitudes, comportamento e ideias.

De acordo com Onofre e Julião:

“Uma vez delineado quem são os sujeitos da ação educativa em espaços de privação de liberdade, somando-se à reflexão do para que e por que educar em espaços prisionais pode-se sugerir caminhos para construir, reconstruir e desconstruir propostas pedagógicas para uma educação significativa na perspectiva de uma política pública”. (ONOFRE/ JULIÃO 2013)

É notório a clareza que todos tem da importância da educação no processo de ressocialização e na utilização de uma metodologia, que possibilite um conhecimento que perdure para a vida, que tenha significância no processo de reinserção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação e prisão pelo próprio significado da palavra formam um par incoerente, contraditório, enquanto uma busca a libertação do conhecimento a outra aprisiona como forma de controle, de gerar mudança.

Acredita-se ser este um dos grandes desafios da prática pedagógica no sistema prisional, a qual requer muito mais que o domínio de saberes, de conteúdos, pois necessita compreender a triste realidade de violação de direitos, buscando ações que permitam ao aluno encarcerado o desenvolvimento de práticas sociais que levem à conquista da sua autonomia.

Considera-se que a implementação do projeto atendeu aos objetivos propostos, se configurando como importante espaço de reflexão e troca de experiências, sinalizando que a educação é uma importante ferramenta de construção da identidade dos indivíduos. A educação seja quais forem as circunstâncias deve ser sobre tudo isso desconstrução/ reconstrução de ações e comportamentos, decodificar para reconstruir, conforme ensina Maeyer (2006).

Os estudos, as reflexões apontam que a Escola precisa repensar, reformular seu Projeto Político Pedagógico, suas estratégias metodológicas, reconhecendo sua importância na dinamicidade e contradição na vida do cárcere. Para que a educação atinja seu papel e o aluno desenvolva autonomia de pensamento, tornando-se responsável pelo processo de aprendizagem, condição essencial para sua reinserção é necessário delinear ações, estabelecer parcerias e estratégias para a construção coletiva do Plano Político Pedagógico, configurando que todos os espaços da prisão são espaços educativos e que a educação não pode ser vista como um segmento a parte de outro como a segurança, a saúde.

Os professores acreditam que o efeito da prisonização está presente não só na assimilação da cultura prisional pelos presos, mas também nas suas práticas pedagógicas, até pela questão das regras na utilização de determinados materiais, recursos, assim como na sua história profissional dentro deste contexto. Muitos levantaram que a escola sendo espaço de mudança precisa educar para a vida, que se faz necessário trabalhar conteúdos sociais, valores, abordando conteúdos que possibilitem a

aplicabilidade na sua vida em sociedade, sinalizando a necessidade de articulação de uma proposta pedagógica mais participativa, pensada na reintegração do indivíduo na sociedade.

Para que as ações pedagógicas sejam desenvolvidas pensando na formação de um cidadão mais autônomo e participativo, ressalta-se que precisamos de uma política mais fortalecida e envolvida com todos os aspectos do processo educativo, buscando caminhos para que a instituição prisão se torne uma instituição educativa. Também se faz necessário que as políticas públicas de atendimento ao encarcerado sejam concretas e efetivas, permitindo ao educando privado de sua liberdade, reconhecer-se como sujeito de direitos, resignificando seu passado para construir no presente um projeto de vida futura, fora dos muros da prisão.

Como fechamento e avaliação os professores ressaltaram a importância do trabalho de pesquisa desenvolvido, o qual possibilitou várias reflexões no coletivo sobre suas práticas, elucidando a necessidade de mais investimento na formação continuada dos profissionais que atuam no sistema penitenciário e que estudos precisam ser constantemente buscados, abrindo caminhos e possibilidades de novas práticas. Foi ressaltada também a importância da continuidade desse estudo no retorno como pedagoga deste CEEBJA, através do direcionamento das questões pedagógicas no cotidiano escolar.

REFERÊNCIA

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Coleção Educar. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAEYER, Marc de. Na Prisão Existe a Perspectiva da Educação ao Longo da Vida? Alfabetização e Cidadania. **Revista de Educação de Jovens e**

Adultos. Brasília, n. 19, p. 17-37, 2006. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001465/146580por.pdf>>. Acesso em 30/10/2015

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Educação entre grades**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

_____. **Educação escolar para além das grades, a essência da escola e a possibilidade de resgate do homem aprisionado**. São Carlos, UNESP, 2002. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado de São Paulo, São Carlos, 2002.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano, JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **Educação na Prisão como Política Pública: entre desafios e tarefas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n1/05.pdf> acesso em: 01/11/2015

MAEYER, Marc de. Na Prisão Existe a Perspectiva da Educação ao Longo da Vida? Alfabetização e Cidadania. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**.

Brasília, n. 19, p. 17-37, 2006. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001465/146580por.pdf>>. Acesso em 30/10/2015

MIZUKAMI, Maria G.N. **Ensino**: Abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986

THOMPSON, Augusto. **A Questão Penitenciária**. 4. ed. Rio de Janeiro, Forense, 1998